

GRAMÁTICA E DISCURSIVIDADE EM PÊCHEUX: ALGUNS COMENTÁRIOS¹

Mônica Oliveira SANTOS
Universidade Estadual de Campinas

Ao ler o texto de Pêcheux “Materialités Discursives: L’enoncé: Enchâssement, articulation et dé-liaison”, sobre o qual se debruçam painelistas e debatedores do painel 15 do I SEAD, tive a impressão de que a cada parte do texto, ele abria, não horizontes definidores ou soluções definitivas, mas inquietações, dúvidas, desconfiças...

Ao ler o texto “Algumas Reflexões sobre discursividade, Gramática e Sintaxe”, da painelista Verli F. P. Silveira, imaginei que ela compartilhou comigo desta impressão e entre os “tantos elementos que aqui merecem destaque”, ela preferiu fixar o olhar no eixo, que eu também contemplo como central para o debate. Trata-se das “relações entre a gramática e a discursividade”.

Para o debate sobre estas relações, não pretendo fazer exatamente perguntas, pois já me bastam as inquietações que o texto provoca. Prefiro levantar comentários sobre pontos que me tocam mais particularmente: alguns pontos que se destacam no texto de Pêcheux e outros que foram enfatizados no texto de Verli Silveira.

O primeiro ponto, que quero destacar, diz respeito à questão da estrutura gramatical que produz, ou simula produzir, uma linearidade da língua, através (por exemplo) das formas de encaixe e justaposições dos enunciados. Pêcheux chama a atenção para estas relações “intra-discursivas” que, em sua superfície, se propõem a dar conta de uma pretensa linearidade contínua na ordem da língua, mas

¹ Este artigo diz respeito ao debate desenvolvido no Painel 15 do I SEAD, referente ao texto de Pêcheux, supracitado, e ao texto da painelista Verli Silveira, também citado. Não menciono o texto da outra painelista do Painel 15 por não tê-lo recebido para leitura.

que empurram, para baixo do tapete, o exterior, o real, o histórico, o impossível na ordem do discurso. Como bem retoma Verli Silveira, parece que a gramática reservou para esse “lixo” debaixo do tapete, para essas rebarbas, definitivamente aparadas, o lugar do impossível, das agramaticalidades, daquilo que não dá para recobrir e que, por isso, deve estar de fora. A ordem da gramática precisa livrar-se da “desordem” do discurso. Entretanto, a ordem da gramática, livre das suas “agramaticalidades”, não dá conta dos limites e lacunas que quebram a contínua linearidade de sua ordem “quase” perfeita, e é aí que nós, analistas do discurso, temos que revirar o “lixo” em busca do que falta. Em busca do sentido?!

Verli pergunta se é possível pensar uma sintaxe discursiva e sugere que sim, desde que se produzam os devidos deslocamentos. Seria isto a subversão da lógica próprio espaço da lógica, como apontou Pêcheux sobre a escritura de J. L. Borges? Deixa p’ra lá! Prometi não fazer perguntas! O caso é que se delinea para nós o percurso entre o lingüístico e o discursivo, e desde já, entre a estrutura e o acontecimento nesta ordem do discurso.

Como exemplo para enfatizar essa relação, Pêcheux chama a atenção para a estrutura do enunciado proverbial, no que diz respeito ao fato de dois enunciados serem encadeados para formar uma seqüência enunciativa lógica. Ele mostra que entre os enunciados:

“(1) “Jean come maçãs”

(2) “Jean nunca chama o médico”

Parece que a ligação é possível pelo viés ideológico-cultural do provérbio anglo-americano: “Uma maçã por dia, mantém o médico longe”, permitindo uma implicação do tipo: “se comemos maçãs, jamais chamamos o médico”, a partir da qual

podem se construir uma incisa ou uma relativa apositiva, que mergulham a co-presença dos dois enunciados dentro do sistema de mudança sintática. (...) Mas, o ponto importante aqui é que do exterior da gramática, intervém um ‘saber’ que constitui (sob a forma de enunciados de advertência, aforismos, provérbios etc.) um tipo de dispositivo de enunciados”. (PÊCHEUX, 1981, p.145).

É importante salientar que a sintaxe da estrutura enunciativa dos provérbios, em geral, reporta/simula um encadamento lógico implicativo do tipo SE... ENTÃO...: SE comemos maçãs, ENTÃO mantemos o médico longe, ou seja, SE ficamos doentes, ENTÃO chamamos o médico, → SE comemos maçãs, ENTÃO não ficamos doentes, → ENTÃO não chamamos o médico. Tal encadeamento simula uma implicação lógica que, na verdade, remonta um saber popular, um consenso ideológico geral a respeito de que para não adoecer é preciso se alimentar bem e as frutas estão no topo do que se pretende uma alimentação rica e saudável, no caso, especialmente a maçã (na cultura ocidental, pelo menos). Mas, tal implicação não tem um cunho verdadeiramente lógico, necessário, e sim está embasada pelo viés ideológico-cultural que, como é de aceitação geral, parece ser lógico. Como a Gramática busca impor a lógica à língua, contemplando tal relação por si só como suficiente para explicar os processos sintáticos e semânticos da língua, ela deixa de fora as relações exteriores, histórico-ideológicas, o que acaba por provocar algumas lacunas quando se faz uma análise mais crítica desses processos lingüístico-gramaticais. É diante desse dispositivo que nos deparamos com a relação mal explicada, “mal-dita” entre a

estrutura e o exterior da gramática: o efeito de articulação intra-discursiva que traz o inter-discurso manifesto como fonte de evidência enunciadas.

Para aprofundar o olhar acerca desse fato de língua (o enunciado proverbial), gostaria ainda de pontuar uma outra questão, motivada pela referência feita, no texto de Verli Silveira, ao par conceitual: *transparência* e *opacidade*. Tais conceitos não aparecem explicitados no referido texto de Pêcheux, mas considero pertinente a sua colocação, por Verli, nessa discussão. Ela refere que, sobre a impossibilidade de se construir uma gramática discursiva, pode-se atribuir o fato de a Gramática não admitir a “opacidade” em lugar da literal e necessária “transparência”, ou o impossível no real da língua.

Fazendo a relação entre tais reflexões sobre a opacidade na língua e o fato lingüístico mencionado – o enunciado proverbial –, gostaria de evidenciar que o provérbio funciona nessa opacidade. Pêcheux não referiu isso nesse texto explicitamente, mas um pouco depois analisou um outro enunciado que chamou de opaco, profundamente opaco. Trata-se do enunciado “*On a gagné*” analisado no livro “O Discurso – Estrutura ou Acontecimento”, (1983). Por essa via, ele propõe que analisar a estrutura enunciativa requer investigar o seu acontecimento. Em relação a “*On a gagné*”, ele diz que “é o acontecimento jornalístico e da mass-media que remete a um conteúdo sócio-político ao mesmo tempo perfeitamente transparente (...) e profundamente opaco” (PÊCHEUX, 1983, p.20). Ou seja, a constituição do sentido e do sujeito inscritos na estrutura e acontecimento enunciativos é um processo geral da língua: transparente. Entretanto, com alguns enunciados, essa transparência é extrapolada, opacizada formalmente na língua. É o caso do enunciado político, por ele analisado, que ganha materialidade discursiva e que ele chama de “profundamente opaco”.

Este é o funcionamento que queremos apontar em relação ao enunciado proverbial mencionado. Podemos deslocar as noções de estrutura e acontecimento, bem como de transparência e opacidade, aplicadas por Pêcheux ao enunciado coletivo “*On a gagné*”, para o enunciado coletivo proverbial, pois acho que este tipo de enunciado também possui uma materialidade discursiva profundamente opaca, semelhante àquele, uma vez que chama a atenção para si e por isso já não é transparente.

São estas as considerações que quero destacar, enfatizando as relações entre gramática e discursividade, entre intra-discurso e inter-discurso, entre estrutura e acontecimento.

Referências Bibliográficas:

PÊCHEUX, M. (1981). L'enoncé: Enchâssement, articulation et déliaison,

In: *Materialités Discursives*.

_____ (1983). *O Discurso – Estrutura ou Acontecimento*.

SILVEIRA, V. F. P. *Silveira*. (2003). *Algumas Reflexões sobre discursividade, Gramática e Sintaxe*. No prelo. A sair nos anais do I SEAD. Porto Alegre.